

## Saúde, Alegria e Palhaçaria

*Health, Happiness and Clown*

---

Marcus Vinicius Campos Matraca

ORCID: [0000-0001-7773-9813](https://orcid.org/0000-0001-7773-9813)

## Resumo

Este artigo apresenta a discussão em torno da saúde, alegria e palhaçaria que emerge na oficina S. A. P. (Saúde, Alegria e Palhaçaria) e que, posteriormente, ganha corpo com um projeto de pesquisa e extensão, dando origem ao I Simpósio de Saúde, Alegria e Palhaçaria: Maria Elisa Alves dos Reis. Na trajetória da S. A. P., é evidenciado o debate entre ciência e arte, alinhavado pela educação popular em saúde e pela Dialogia do Riso. Todo debate promovido pela oficina compreende o campo da saúde de forma ampla e que a formação dos profissionais que atuarão nessa área do saber deve promover diálogos alegres.

**Palavras-chave:** Palhaçaria. Dialogia do Riso. CienciArte. Educação popular. Saúde.

## Abstract

*This article presents the discussion around Saúde, Alegria e Palhaçaria (S. A. P.) that emerges in the workshop of the same name S. A. P. and which later takes shape with a research and extension project giving rise to the I Symposium on Health, Joy and Palhaçaria: Maria Elisa Alves dos Reis. In the trajectory of S. A. P., the debate between science and art is evidenced, underpinned by popular education in health and the dialogue of laughter. Every debate promoted by the workshop comprises the health field in a broad way and that the training of professionals who will work in this area of knowledge should promote happy dialogues.*

**Keywords:** Clown. Dialogue of Laughter. ArtScience. Popular education. Health.

## 1. Cortinas abertas

Respeitável público, sejam todas, todes e todos bem-vindes! É com muita alegria que apresento a experiência da construção da oficina Saúde, Alegria e Palhaçaria (S. A. P.), que se desenvolve nas tramas da interdisciplinaridade, pois não se trata de extinguir os diversos componentes curriculares na construção cidadã, mas de conectá-los ao processo de ensino-aprendizagem, para a compreensão das múltiplas dimensões de realidades vivenciadas (PAVIANI, 2008). No território da oficina, busca-se o reconhecimento da existência de complexas pluralidades na construção do saber, da subjetividade e da coletividade, baseados na afetividade, para que a alegria ecoe na potencialidade do ser. Neste fluxo, a oficina S. A. P. nasce do desafio de realizar uma atividade prática sobre o tema da palhaçaria para a disciplina de Ciência e Arte, da pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (EBS) do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, tendo sua primeira edição realizada no ano de 2004, como atividade conjunta do II Simpósio de Ciência, Arte e Cidadania.

A criação, desenvolvimento e pesquisa sobre o tema das oficinas já é tradição, tanto na disciplina de Ciência e Arte, como no programa de pós-graduação EBS, sendo desenvolvidas inúmeras práticas voltadas, em um primeiro momento, para a formação continuada de educadores e profissionais de saúde e, posteriormente, aplicadas para público em geral. Dessas pesquisas, destacamos algumas já publicadas, como artigos em periódicos indexados (GROSSMAN *et al.*, 2008; DO ESPIRITO SANTO SILVA-PIRES, 2020) e outras, ainda, em textos de dissertação (FIGUEIRA-OLIVEIRA, 2006) ou de artigos completos em anais de eventos (LA ROCQUE, 2007; CAMPOS; ARAÚJO-JORGE, 2007). Com o amadurecimento do tema, houve um aprofundamento teórico, bem como a sistematização descritiva e analítica da prática, referente às oficinas do campo da Ciência e da Arte.

Apesar da aparente dicotomia estabelecida entre os campos da ciência e da arte, é indubitável que haja uma intensa e fértil relação entre esses campos de saberes. Robert e Michelle Root-Bersntein (2000) demonstram que inúmeros cientistas utilizam a arte em suas investigações, e diversos artistas usam a ciência em suas intervenções. Para Wallace (2006), a interface entre esses dois campos possibilita uma ampliação do conhecimento nas duas áreas e, do ponto de vista educacional, possibilita ao estudante um real contato com a interdisciplinaridade, sem barreiras rígidas entre as áreas do saber. Ao abordar este campo, a revista *Nature* dedicou sua publicação de março de 2005 ao tema "Artista na Ciência e Cientistas na Arte" (ABBOTT; RUTHERFORD, 2005), evidenciando a distância entre os dois campos e, antagonicamente, tendo uma forte interseção entre os esses campos de saber.

O diálogo entre ciência e arte pode ser muito bem ilustrado no Pavilhão Mourisco da Fundação Oswaldo Cruz, no castelo das "Mil e uma noites da ciência" do Dr. Oswaldo Cruz, uma obra arquitetônica que envolve ciência e arte, sendo o símbolo da Fundação e inspiração para

diversos cientistas, artistas e curiosos que investigam o tema. É, também, no IOC/Fiocruz que nasce o conceito CienciArte que, ao ser grafado dessa forma, traz uma identidade visual e territorial para as pesquisas científicas, de que, nesse artigo farei uso. Assim, a CienciArte é um campo em construção, não formatado, no que tange ao aspecto rígido e disciplinar, mas na produção de ciência, arte, educação popular e saúde, assegurando o espaço à subjetividade, à intuição e à emoção (ARAÚJO-JORGE 2007, 2018).

Segundo Paulo Freire (1987), o conhecimento se constitui na dialogicidade e problematização entre educador-educando e educando-educador, no desenvolvimento de uma postura crítica que resulta na percepção de que este conjunto de saberes está em interação, na construção de um conhecimento científico emancipatório, comprometido e articulado com as transformações sociais. Assim, entendemos que as atividades de educação, tanto formal como não-formal, devem proporcionar uma dialogia entre o universo acadêmico e a comunidade, assegurando o compromisso social, político, científico e artístico.

Nesta perspectiva, a oficina foi ganhando mundos, existindo em outros espaços, e teve sua última edição em 2019, no Extremo Sul da Bahia. Aventuramo-nos coletivamente no processo de vivência da oficina S. A. P., contando com a participação dos graduandos dos bacharelados e das licenciaturas interdisciplinares da UFSB. Assim, a menor máscara do mundo, o nariz vermelho, torna-se nosso elo dialógico e sensível à boniteza de uma prática educativa envolta de alegria e esperança, no processo formativo dos futuros profissionais formados no Campus Paulo Freire da UFSB.

## 2. Aperte a tecla S. A. P.



**Figura 1:** Logo do projeto criado pelo estudante Natanael Falquetto de Sa Raposa, 2017. **Fonte:** Natanael Falquetto de Sa Raposa

Na cerimônia de reinstalação do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, no dia 11 de setembro de 2003, o então presidente da República Federativa do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, em seu discurso discorreu:

Mas eu confesso a vocês que esse início é para quebrar um pouco o gelo, porque eu estava vendo o nosso Ministro falar (Roberto Amaral). Eu estava me perguntando: será que todo o agrupamento de ciência no Brasil, é todo mundo sério, que ninguém ri? Então vai mudar, inclusive o nosso jeito de ser. Eu acho que a coisa que mais me fez, de vez em quando, detectar a minha alegria de ter sido eleito Presidente da República é de poder colocar em prática as coisas que a gente sonha e que a gente acredita ser possível. Esse é o grande desafio (BRASIL, 2003, p.2).

Quase vinte anos depois, o desafio se traduz em um tempo de dimensões obtusas. Porém, nossos artistas, cientistas e educadores, de sangue latino, buscam na ciência e tecnologia mais alegria e excelência, tanto em sua prática, como na construção de sua identidade, trilhando novos caminhos de interseção entre os diversos saberes, contra o obscurantismo científico; e a frutífera conexão entre *CiênciArte* nos brota a esperança da criação.

Neste processo criativo, fizemos uma analogia brincante com a abreviação *SAP*, que significa *Second Audio Program*, função encontrada em diversos controles remotos de aparelhos televisivos, sendo um comando que nos possibilita mudar o idioma do programa transmitido. No nosso caso, quando acessamos a “tecla S. A. P.”, adentramos em um ambiente de ludicidade, brincadeiras, risos, afeto e demais possibilidades que um bom encontro pode nos proporcionar.

O S. A. P. é uma oficina de sensibilização que promove novos olhares e alternativas de transformação da paisagem social, transcendendo o estereótipo da figura do palhaço como personagem circense e teatral, sendo adaptada ao ser humano que nos atravessa nas diversas relações do nosso cotidiano. Assim, o participante se apropria do universo transgressor por meio de brincadeiras e jogos inerentes a este ser da comicidade, ampliando seu movimento e sua relação com seu meio de ação e criação, tendo como objetivo promover alegria e novos olhares sobre a atuação humana. Nesta estrutura, temos como grande atração o palhaço, com seu nariz vermelho, a menor máscara do mundo, um anti-herói, que expõe nossos erros e defeitos, ridicularizando-os a ponto de não levarmos tudo tão a sério, visto a brevidade da vida (CAMPOS, 2009).

Os jogos teatrais somam na oficina como um método pedagógico de exercícios coletivos, jogos e brincadeiras podendo ser propostos para integração e expansão do indivíduo e do grupo num âmbito sociocultural, valorizando sua importância ética, estética, histórica e social. Segundo

Libar (2008), o palhaço é «o idiota» e é feliz nesse mundo justamente por ser «o idiota», por não fazer parte do mundo dos que se arrogam ser mais inteligentes e espertos do que os outros. É um processo bastante divertido, mas, em certa medida, difícil, pois o primeiro contato com nossas fragilidades e fraquezas é, de fato, doloroso, até que as aceitemos. Como diz o velho ditado popular, «Ri melhor, quem ri de si». Com o nariz de palhaço, defrontamo-nos com nossos ridículos diários, aqueles que negamos e que nos adoecem, e o riso sobre o palhaço não é o da chacota ou o do deboche, é o da promoção da saúde: uma vez que o campo da saúde é muito mais amplo do que o da doença, é trazer a proposição do diálogo como ferramenta de interação e geração de intersubjetividades, compreendendo que promover saúde e alegria fortalece o exercício do vínculo e da cidadania.

Nesta perspectiva, realizamos, nesses dezessete anos de existência do S. A. P., cerca de cem oficinas, estimando quase mil participantes de ambientes e públicos diversos. Cabe destacar a rica experiência gerada pelo encontro do S. A. P. com a Estratégia Saúde da Família para População em Situação de Rua, identificando sua afinidade metodológica com a Educação Popular em Saúde e a singularidade do território de atuação, que é a rua, ambiente propício para a associação dessas estratégias. Essa associação ocorreu entre 2010 e 2011, mediada, por um lado, pela Coordenação da Saúde da Família e pelo Núcleo de Cultura, Ciência e Saúde, ambas da Secretária Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro e, por outro, pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), tendo, como proposta de inovação, a participação da oficina do S. A. P. no processo de formação da primeira equipe direcionada para a população em situação de rua do município (MATRACA *et al.*, 2014).

Inúmeras são as experiências da Educação Popular em Saúde, na construção e defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), buscando focar em ações que possam superar o fosso cultural existente entre os serviços de saúde, os usuários, as organizações não-governamentais, as universidades, o saber biomédico, entidades representativas, movimentos sociais e culturais (VASCONCELOS, 2001). Como diria Paulo Freire (2004), a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca entre o ensinar e aprender, não pode se dar fora da procura, fora da boniteza e da alegria, mas no diálogo com a diversidade cultural de saberes.

### 3. O método S. A. P.

A oficina Saúde, Alegria e Palhaçaria tem por objetivo sensibilizar os participantes, por meio de vivências, jogos e brincadeiras, vistas por uma perspectiva da sua relação com seu meio social. Os exercícios sempre convergem para a figura do Palhaço, por uma nova ótica de abordar o mundo, construindo, assim, caminhos e alternativas práticas para uma transmutação do espaço social habitado. Alegria, porque na maioria das atividades que desenvolvemos nos campos da

ciência e da arte possui um elemento comum: o riso, que promove, com alegria, saúde e Cien-ciArte, pelo método da Dialogia do Riso.

No trânsito entre prática e teoria, nasce a Dialogia do Riso, um conceito baseado na educação popular em saúde, na gestão participativa, e rodas dialógicas, tendo como premissa a formação de vínculos e a promoção da alegria, ao invés das restrições e obrigações. A Dialogia do Riso se propõe a fortalecer o exercício da cidadania, compartilhando conhecimento, brincando e promovendo saúde e alegria (MATRACA, *et all.* 2011. p.1).



**Figura 2:** Ananda da Luz Ferreira

Trabalhamos com cinco conceitos estruturantes na oficina: 1) a *generosidade humana*: virtude pela qual o ser humano acrescenta algo ao próximo, não se limitando a bens materiais. Os generosos são as pessoas que se sentem bem em dividir seus tesouros tanto materiais, quanto não materiais com outras pessoas, sem a necessidade de receber algo em troca; 2) o *diálogo*: fala entre duas ou mais, na busca do entendimento de alguma ideia por meio de sinais, da fala e, principalmente, da escuta; 3) o *riso*: adotamos e defendemos o riso como ferramenta dialógica, numa postura de pactuação cotidiana frente à vida. 4) o *palhaço*: um agente secreto social que usa a menor máscara do mundo, o nariz vermelho, um anti-herói pronto para uma revolução afetiva; 5) a *alegria*: emoção que não se confunde com uma alegria forjada e sintética, envolvida por vícios e paixões que iludem o ser humano no consumo e no acúmulo. Mas a alegria que pode advir dos encontros, situações inesperadas, súbitas e desconhecidas, gerando surpresas, admiração e encantamento.

A partir destes pilares, nossa oficina se estrutura com o tempo de cinco horas de duração, tendo a capacidade de acolher, no mínimo, dez, e, no máximo, vinte participantes, dividido em três etapas. A primeira diz respeito ao acolhimento de participantes e a formação de um círcu-

lo dialógico, por meio do qual iniciamos um processo de apresentação. A partir daí, iniciam-se diversas brincadeiras, jogos teatrais e práticas de relaxamento e recebimento do nariz vermelho, que será usado no picadeiro, somando duas horas de atividade, com pausa de dez minutos. Na segunda etapa da oficina, temos o esperado picadeiro, que tem duração de duas horas ou mais, momento em que cada participante fica atrás das cortinas vermelhas. Logo em seguida, ao rufar dos tambores, pisa no picadeiro um ser de nariz vermelho, acolhido pelo Dr. Palhaço Matraca. Podemos afirmar que o picadeiro é o ápice da oficina, momento de grande emoção onde o(a) participante vivencia, com seu nariz vermelho no rosto, a experiência de estar de frente para os seus colegas na condição de palhaço(a). Por fim, tão importante quanto as outras etapas, temos o momento da avaliação da experiência vivenciada. O S. A. P. é uma tecnologia educacional baseada na palhaçaria e direcionada para a educação popular em saúde. Suas referências de construção estão no princípio da generosidade humana e da solidariedade.

#### 4. O picadeiro

O músico e comediante dinamarquês Victor Borge, conhecido como o “Príncipe Dinamarquês do Clown”, afirmava que o caminho mais curto entre duas pessoas é o riso e, neste curto caminho, chegamos ao ano de 2015, no campus Paulo Freire da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), no município de Teixeira de Freitas, localizado no Extremo Sul da Bahia. Tivemos a oportunidade de estruturar nosso grupo de pesquisa Laboratório Atelier de Educação Popular em Saúde (LAEPS) que articula, em suas investigações, a CienciArte e a Educação Popular em Saúde.

Pelo LAEPS, foram realizadas inúmeras oficinas com os estudantes, técnicos administrativos do campus, professores da universidade e de outras instituições e sociedade civil do município de Teixeira de Freitas e região. Esta prática nos possibilitou transformar o S. A. P. em um projeto de pesquisa e extensão, composto por bolsistas e não bolsistas de extensão e iniciação científica, pesquisando sobre a temática da arte da palhaçaria. Após três anos de pesquisas e intervenções territoriais, o coletivo viu a necessidade de expandir as discussões sobre palhaçaria e CienciArte para além das fronteiras do Extremo Sul da Bahia. Com esse anseio, surgiu a ideia de realizar um encontro que, inicialmente, homenagearia Benjamim de Oliveira, o primeiro palhaço negro da história do Brasil.

Entretanto, no decorrer da construção e de nossas pesquisas, tivemos o feliz encontro com a história da Maria Eliza Alves dos Reis, conhecida como Palhaço Xamego e contemporânea de Benjamim de Oliveira, que assume, na década de 40, o nariz preto feito de quilon no Circo Guarani. Maria Eliza Alves dos Reis foi a primeira mulher palhaço da história do Brasil. Vó Eliza, como era carinhosamente chamada por sua família, era uma mulher negra, artista de coragem,



recheada de alegria, resistência e resiliência para enfrentar o racismo e os diversos preconceitos de sua época. Trabalhou durante 50 anos como palhaço e sempre dizia para sua filha: “Na vida, niña, o que vale é saúde. O resto é bolacha!”. Como o grupo S. A. P. era composto por um número expressivo de estudantes mulheres, principalmente negras, tornou-se consenso a importância de exaltar o protagonismo feminino na palhaçaria, discussão que permeou toda construção do encontro, que virou simpósio.



**Figura 3:** Identidade visual criada pelo estudante Natanael Falquetto de Sa Raposa.

Nesta energia de afeto e bons encontros, realizamos o I Simpósio Saúde, Alegria e Palhaçaria: Maria Eliza Alves dos Reis, que teve a honra de ser convidada para fazer parte da programação do 10º Simpósio Ciência, Arte e Cidadania do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, realizado em diversos municípios do estado do Rio de Janeiro, com a participação do S. A. P. em Teixeira de Freitas - BA. Cabe ressaltar que esta parceria antecede o evento, pois, desde 2005, a coordenação do S. A. P. /LAEPS colabora na produção e construção científica/artística com o Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB).

O simpósio ocorreu nos dias 21 e 22 de novembro de 2018, na UFSB, campus Paulo Freire, em Teixeira de Freitas – BA. Nossa primeira conversa sobre a construção do evento ocorrera em maio do mesmo ano e, durante sua preparação, contatamos a família da homenageada, Maria Elisa Alves dos Reis, e, nas tessituras entre a organização do evento e nas conversas com a neta Mariana Gabriel, o S. A. P. se sentiu intimamente conectado à energia da Palhaço Xamego. Ainda nas conversas com Mariana Gabriel, foi revelado o lançamento do seu documentário *Minha Avó é um Palhaço*, que conta a história de sua família circense e, em especial, a história de sua avó. Após tantos encontros, concretizamos o simpósio em setembro, tendo sido realizada a sua divulgação em diferentes plataformas *on-line*, o que gerou cento e cinquenta inscrições prévias. No dia do evento, estiveram presentes cento e vinte e quatro participantes inscritos, sem contar os participantes sem inscrição.

Iniciamos o simpósio pela manhã, com a roda de conversa *Arte da Palhaçaria e suas Construções*, a mesa foi composta pelos professores doutores Marcus Matraca, Fabio Nieto (UFSB), Alessandra Simões (UFSB) e Gessé Almeida (UFSB), tendo uma participação expressiva dos estudantes, no debate. No período da tarde, tivemos as oficinas: 1) *Máscara Neutra, Corpo Expressivo e Comentário* com a Plateia (Mediador: Fabio Nieto); 2) *Palhaçaria Feminina: Despertando sua Palhaça interior* (Mediadora: Alessandra Simões); 3) *Comicidade na Dança* (Mediador: Agnaldo Bonfm). Houve também a exibição do documentário *Palhaços*, dirigido por Frederico Fellini, seguido de debate mediado pelo coordenador do S. A. P. As oficinas finalizaram às dezoito horas, seguidas da atividade *Palco Aberto de Livre Expressão*, com apresentação de música, poesia, alegria e números de palhaços, alguns desenvolvidos nas oficinas.

No segundo dia, o evento começou no mesmo horário, com o Café Dialógico, que foi promotor de trocas de experiências sobre o dia anterior; em seguida, ocorreram as apresentações dos Grupos de Trabalho (GT), sendo o primeiro GT: *Palhaçaria, Alegria e Promoção da Saúde*, e o segundo GT: *CiênciArte, Ludicidade e Humor*. Cada GT teve sete participantes presentes para apresentar suas pesquisas, contando com a submissão de 14 resumos para serem publicados posteriormente nos anais do 10º Simpósio Ciência, Arte e Cidadania do Instituto Osvaldo Cruz/Fiocruz. No período da tarde, de 14 até 18 horas foram ofertadas mais quatro oficinas: 1) *Brincando de Palhaço* - oficina para o público infantil (Mediadoras: Adryane Mascarenhas e Paola Possari); 2) *Sentidos das-nas Artes: Experimentações Artísticas* (Mediadora: Roberta Moratori); 3) *Psicodrama* (Mediadora: Violeta Garmermam); 4) *Laboratório de Personagem-Tipo da Dramaturgia Brasileira* (Mediador: Gessé Almeida). As oficinas, nos dois dias, estiveram lotadas e com participantes que não se inscreveram no evento previamente, mas que eram estudantes do campus e que foram se interessando pela temática, à medida que se apropriavam dos debates do simpósio. No início da noite, o Cabaré S. A. P. CIRCUS contou com dez apresentações artísticas, dentre músicas, palhaçarias e brincadeiras, sendo finalizado com a Festa S. A. P., sob a batuta do DJ e professor da UFSB, Dr. Celso Gayoso.



**Figura 4:** Ananda da Luz Ferreira.

Avaliamos que a construção coletiva do evento foi muito boa na sua totalidade, principalmente por ser o primeiro simpósio realizado no Brasil com a temática Saúde, Alegria e Palhaçaria. O encontro foi engrandecedor para os participantes e, particularmente, para os organizadores, que puderam ver a culminância de uma oficina, que se tornou um projeto de

pesquisa e extensão, desdobrar-se na parceria com o Simpósio Ciência, Arte e Cidadania. Constatamos que promover encontros, saúde e alegria é também uma forma de incorporar, na cultura acadêmica, o exercício da formação profissional, com mais alegria, transversalizando conhecimento, brincando e se harmonizando com este futuro profissional-cidadão.

#### 4. Desmontando o picadeiro

O desapego é uma virtude no universo da palhaçaria, visto a rotatividade e fluxos que nossos participantes e estudantes têm no projeto. Como diria Milton Nascimento, o mesmo trem da chegada é o da partida. Mas algo que nos enche de esperança é saber que todos, todas e todes que passaram pelo projeto de variadas formas, entre idas e vindas, foram sensibilizados e tiveram seu encontro com a figura do palhaço, uma referência de existência humana para o futuro profissional.

O S. A. P. continua na sua missão de sensibilizar seus participantes com generosidade, riso, alegria, diálogo e o palhaço, que espera, ansiosamente a vacinação de toda população brasileira e mundial, no anseio do fim da pandemia da COVID-19, para que, com o retorno das aulas presenciais, possamos promover oficinas e intervenções em outros territórios. Finalmente, o tipo de projeto pedagógico que tratamos, ao propor a alegria para a CienciArte e Saúde, é distributivo, no sentido de o próprio serviço poder exercê-la, ainda que, em alguns contextos, o projeto também adote o tipo regulatório, quando por sua indução ou orientação, outros agentes sociais passem a atuar em parcerias com os serviços públicos, alinhados com o pacto pela vida.

Compreendendo a importância da circularidade na construção de saberes pautados na Dialogia do Riso, finalizamos nosso picadeiro científico e artístico com a máxima da Palhaço Xamego: “Na vida, niña, o que vale é saúde. O resto é bolacha!”, ainda mais nos tempos atuais.

## Agradecimentos

Agradecemos a todos, todas e todes os servidores e estudantes, do IOC e da UFSB, que colaboraram com o projeto de pesquisa e extensão, seja com suporte técnico, estrutural ou afetivo. Somos gratos à palhaço Xamego e sua família, que se constituíram parceiras na dialogia do riso. Também agradecemos aos diversos palhaços do planeta e, principalmente, do Brasil, que, por meio da sua alegria, ensinam-nos que rir é um ato de amor, resiliência e resistência.

## Referências

ABBOTT, A.; RUTHERFORD, A. Artists on Science: Scientists on Art. **Nature**. n. 7031., v. 434, 17 mar. 2005. Reino Unido.

ARAUJO-JORGE, T. C. Relações entre ciência, arte e educação: relevância e inovação. **Revista E. Sesc São Paulo**, p. 12, 01 abr. 2007.

ARAUJO-JORGE, T. C; SAWADA, A. ROCHA; R. C. M. AZEVEDO, S. M. G. RIBEIRO, J. M. MATRACA, M. V. C. BORGES, C. A. X. ; FORTUNA, D. B; BARROS, M. D.M. ; MENDES, M. O; GARZONI, L. R; DE LA ROCQUE, L ;

MEIRELLES, R. M.S. ; TRAJANO, V. S; VASCONCELLOS-SILVA, P. R . CienciArte© no Instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiências na construção de um conceito interdisciplinar. **Ciência e Cultura**, v. 70, p. 25-34, 2018.

BRASIL. Presidente (2003-2011: Luiz Inácio Lula da Silva). **Discurso na cerimônia de reinstalação do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia**. Brasília, 11 set. 2003. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/11-09-2003-discurso-do-pr-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-reinstalacao-do-conselho-nacional.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CAMPOS, M. **Alegria para saúde: a arte da palhaçaria como proposta de tecnologia social para os SUS**. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. RJ. 2006.

CAMPOS, M. V, ARAÚJO-JORGE, T. C. Palhaçadas, saúde e alegria. In: MASSARANI, L. (Org.) **Simpósio sobre Ciência e Arte 2006 - Memórias**, Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. p. 87-90. ISBN 978-85-85239-35-0. Disponível em: [http://www.museuda-vida.fiocruz.br/publique/media/Memorias\\_Ciencia\\_e\\_Arte\\_2006.pdf](http://www.museuda-vida.fiocruz.br/publique/media/Memorias_Ciencia_e_Arte_2006.pdf). Acesso em: 06 jun. 2021.

DE LA ROCQUE, L. R.; Meirelles, R. M. S. ; OLIVEIRA, D. F. ; GROSSMAN, E. ; CAMPOS, M. V. ; KAMEL, C. R. L. ; ARAUJO-JORGE, T. Vanguarda em Pesquisa e Ensino em Ciência e Arte: Uma Experiência do Instituto Oswaldo Cruz. In: **X Reunión de La Red Pop, 2007, San Jose** - Memoria de X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe, 2007.

DO ESPIRITO SANTO SILVA-PIRES, F.; DA SILVA TRAJANO, V.; ARAUJO-JORGE, T. C. A Teoria da Aprendizagem Significativa e o jogo. **Revista Educação Em Questão** (Online), v. 58, p. 1-21, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GROSSMAN, E.; ARAÚJO-JORGE, T. C.; ARAÚJO, I. S. A escuta sensível: um estudo sobre o relacionamento entre as pessoas e os ambientes voltados para a saúde. **Interface Comunicação, Saúde e Educação**, v. 12, p. 309-324, 2008.

LIBAR, M. **A nobre arte do palhaço**. Rio de Janeiro: Marcio Lima Barbosa Editor, 2008.

MATRACA, M. V. C.; ARAÚJO-JORGE, T.; WIMMER, G. O PalhaSUS e a Saúde em Movimentos na Rua. **Interface Comunicação, Saúde e Educação**, v. 18, p. 1529-1536, 2014.

MATRACA, M. V. C.; ARAÚJO-JORGE, T., WIMMER, G. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.16, p. 4127-4138, 2011.

OLIVEIRA, D. F. **Oficinas teatrais: estratégias educativas para o diagnóstico de concepções e problemas sobre a prevenção da Dengue**. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2006.

ROOT-BERNSTEIN, R.; ROOT-BERNSTEIN, M. **Centelhas de gênios** – como pensam as pessoas mais criativas do mundo. Rio de Janeiro: Nobel, 2000.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

WALLACE, M. Quebrando barreiras entre ciência e arte através de exposições. In: MASSARANI, L. (Org.) Simpósio sobre Ciência e Arte 2006 - Memórias, Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. p. 87-90. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/736-tcc-43>. Acesso em: 11 de nov. 2021.

VASCONCELOS, E. M. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. In: VASCONCELOS, E. M. (Org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**. São Paulo, Hucitec: 2001.

## Sobre os autores

### **Marcus Vinicius Campos Matraca**

Doutor em Ensino de Ciências IOC/FIOCRUZ. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB/CCS. Coordenador do Laboratório Atelier de Educação Popular em Saúde - LAEPS

email: [matraca@ufrb.edu.br](mailto:matraca@ufrb.edu.br).

---

**Recebido em:** junho de 2021

**Publicado em:** março de 2022

---